



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO/2006

INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ NA ESTIMULAÇÃO PRECOCE: CONCEPÇÕES MATERNAS

Autores: Nelly Narcizo de Souza (Mestranda/UFPR)

Maria Augusta Bolsanello(Orientadora/ UFPR)

E-mails: nellysouza@ufpr.br, mabolsanello@ufpr.br

RESUMO

Como primeiro programa de atendimento inserido na educação especial, a estimulação precoce destina-se a atender crianças de zero a três anos que possuem transtornos em seu desenvolvimento ou que correm o risco de apresentá-los. Entende-se que este atendimento deve orientar-se na busca por condições que facilitem a interação entre mãe e filho, a fim de levar a mãe a interessar-se e a investir no desenvolvimento e aprendizagem de seu bebê. O estudo verifica como treze mães de bebês com deficiências, na faixa etária de zero a um ano de idade, concebem a sua participação neste atendimento e o modo como interpretam as informações e orientações dadas pelos profissionais que atendem seus filhos, em duas instituições de ensino especial, na cidade de Curitiba, Paraná. Os dados coletados em entrevistas, gravados em fitas cassetes, foram analisados por meio de abordagem qualitativa, com a utilização de análise de conteúdo (BARDIN, 1979), adaptado por BOLSANELLO(1998). Os resultados desta investigação destacam que o atendimento de estimulação precoce não proporciona uma participação efetiva da mãe para que se possa considerá-lo como um modo de promoção e valorização da relação mãe - bebê. O atendimento não acolhe e não promove o exercício da função materna e desta maneira não facilita à mãe aceitar a condição do filho e engajar-se no seu processo de desenvolvimento.

Palavras – chave: necessidades especiais, interação mãe-bebê, estimulação – precoce.

INTRODUÇÃO

Em pesquisa realizada anteriormente por BOLSANELLO e SOUZA (2003/2004) destaca-se que a criança pequena e, principalmente, aquela portadora de necessidades especiais, necessita de mediação para que seu desenvolvimento venha a ocorrer de forma harmoniosa, por meio de situações e instrumentos com os quais ela possa progredir em termos de cognição e afetividade, emancipando-se como sujeito, com identidade e consciência de si e do mundo. Também em BOLSANELLO e SOUZA (2003/2004) entende-se que o atendimento de estimulação precoce representa um meio propiciador desse desenvolver e, em sendo a figura materna (mãe ou substituta), o primeiro elo da criança com o mundo, salienta-se a necessidade e a importância de que

ela venha a interessar-se, apoiando e intervindo no desenvolvimento do filho. Por outro lado, o interesse da mãe necessita ser amparado e instigado por aqueles que de alguma forma contribuem para o desenvolvimento de sua criança, não com o intuito de usurpar da mãe sua função ou saber materno, mas antes de orientá-la sobre sua importância na relação com seu filho.

Em complementação ao estudo citado (BOLSANELLO e SOUZA, 2003/2004) buscou-se na presente pesquisa ressaltar-se em que sentido há a necessidade de uma mudança no enfoque atual do atendimento em estimulação precoce.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo D'ANDRÉA (1975, p. 34), o nascimento de uma criança ocasiona uma *“redistribuição da energia emocional da família”*. Tal fato muitas vezes ocorre de maneira desequilibrada na possibilidade desse novo ser possuir algum tipo de necessidade especial. Para esta situação, principalmente, é que salienta-se a necessidade de valorizar a relação mãe- filho, como uma maneira de minimizar os sentimentos de luto e frustração possivelmente oriundos dessa nova realidade a que se expõe a mulher-mãe.

O luto é produto da não concepção do filho idealizado, figura ilusória resultante dos anseios normais de qualquer gestante. Porém, esse sentimento que é peculiar à mãe, pode ser agravado no caso de um filho deficiente. Tão logo a mãe saiba da deficiência de seu filho suas atitudes no trato com esse novo ser podem demonstrar oscilações que vão desde afeto profundo, acolhimento sincero até frustração, medo ou rejeição.

A desestabilização emocional dessa relação pode chegar a tal ponto que em muitos casos verificam-se atitudes em que a mãe priva o filho recém-nascido de seus cuidados, rejeitando-o, acarretando prejuízos no fortalecimento desse par. Ainda a respeito da privação do contato entre ambos, segundo SCOCHI et al. (2003, p. 540), *“o estabelecimento do vínculo e do apego pode ser prejudicado pela falta de oportunidades da mãe interagir com seu filho, gerando desordens no relacionamento futuro de ambos”*.

No entanto, passado o período de aceitação ou de readaptação, a mãe volta seu olhar para o filho, interessando-se por ele, por seu desenvolvimento. Nesse estágio de reconhecimento do sujeito que há no filho por parte da mãe, *“o fato de não poder pegar o bebê no colo, aconchegá-lo e embalá-lo é bastante frustrante”* para a ela (SCOCHI et al., 2003, p. 540). E é nesse sentido que a estimulação precoce pode ser instrumento do estreitamento do laço entre mãe e filho, como uma nova possibilidade

para auxílio de ambos: ela percebe em seu filho um indivíduo com sentimentos, vontades, e ele tem alimentada a sua necessidade primeira, que consiste no estabelecimento do apego e do vínculo, no sentir-se amado, do “sentimento de pertencer”, que segundo BETTELHEIM (1988) nasce primeiro na família para após estender-se à sociedade.

Se, fundamentalmente *“a família é, para a criança, o primeiro núcleo de convivência e de atuação, no qual irá modelando sua construção como pessoa a partir das relações que ali estabelece e, de forma particular, conforme são atendidas suas necessidades básicas”* (SÁNCHEZ, MARTINEZ e PEÑALVER, 2003, p.11), então a participação familiar (representada neste estudo pela mãe ou figura materna) nas atividades de desenvolvimento da criança torna-se de notável importância. Principalmente porque

todos os cuidados que a mãe e o pai dediquem ao seu bebê não constituem apenas um prazer para eles e para a criança; trata-se também de uma necessidade absoluta e, sem eles, o bebê não poderá transformar-se num adulto sadio ou prestimoso (WINNICOTT, 1975, p. 95).

ou ainda, neste sentido, como afirma D’ANDRÉA (1975, p. 33):

desde os primeiros instantes de vida [do bebê] o comportamento materno exerce influência na formação da personalidade da criança, mesmo sem o uso da comunicação verbal. A maneira como a mãe soluciona os problemas decorrentes de seu novo papel, expressada pelos gestos e sentimentos em relação ao filho, irá, segundo o seu resultado, provocar respostas de prazer ou desprazer no organismo infantil e isto terá um efeito duradouro na sua concepção da realidade.

Desse modo, percebe-se quão fundamental é para a criança pequena a possibilidade de contato intenso e amoroso com a mãe, tanto quanto o fato de que esta última exerça sua função junto ao filho de modo pleno, completo, com autoconfiança e segurança em seu saber - fazer materno. Valorizar essa relação afetiva beneficia ambos, pois como BETTELHEIM (1988, p. 264) indica *“(...) a base da confiança da criança nela própria e no mundo é o amor da mãe por ela; a medida em que a mãe a estima, ela aprenderá a se estimar, a estimar a mãe e o mundo que ela representa”*.

Por todos os motivos discutidos anteriormente é que indica-se a participação da mãe nos ambientes e atividades de estimulação precoce de seu filho. No entanto, a realidade delineada por meio de pesquisas nesta área mostra perspectivas pouco afeitas a teoria aqui demonstrada. Em estudo realizado por BOLSANELLO (1998), há a indicação de que dentro do âmbito dos profissionais que atendem a criança pequena portadora de deficiência nos programas de estimulação precoce, o papel da mãe se delineia em um plano bastante secundário por parte destes, não sendo verificada sua participação efetiva no atendimento.

Em BOLSANELLO e SOUZA (2003/2004), evidenciou-se que a maioria das mães de bebês com deficiências da amostra estudada afirma que não é convidada a participar do atendimento de estimulação precoce, tendo que esperar do lado de fora, ou que, quando entram no atendimento é para receber alguma orientação de atividades para serem realizadas em casa ou nas férias – fora do atendimento da instituição ou, ainda, para acalmar a criança. E, sendo estas orientações repassadas verbalmente – sem a participação materna na maioria dos casos, tem-se que a mãe não aprende como fazê-las junto ao bebê, decorrendo disso o não cumprimento da maioria das orientações e/ ou a insegurança no trato diário com seu filho. Outro fato que desperta a atenção, ainda nesta última pesquisa, é o de que estas mães possuem grandes expectativas de que, no futuro, seus filhos se tornarão crianças normais, sendo esta "normalidade" ou "cura" proveniente do atendimento em estimulação precoce.

Tais nuances da realidade implicam na urgente consolidação de maiores estudos e medidas que modifiquem esse processo de marginalização da figura materna no trato da criança com deficiências.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo é do tipo exploratório, que segundo SAMPIERI (1998), é aquele que se efetua quando o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado e, portanto, com poucas pesquisas evidenciadas na literatura.

1. Campo de Estudo

O campo de estudo para a realização da pesquisa concentrou-se em duas instituições de ensino especial aqui referenciadas como instituição A e instituição B, ambas situadas na cidade de Curitiba, Paraná, possuidoras de atendimento estruturado e regular em estimulação precoce para crianças pequenas com necessidades especiais.

As duas instituições foram eleitas por possuírem bebês dentro da faixa etária pretendida: de zero a dois anos completos de idade e, em número razoável para a coleta de dados - mínimo de 10 bebês em cada instituição. Após a escolha, realizou-se visita às instituições para a devida apresentação do conteúdo do projeto, seus objetivos e plano de trabalho. Ficou estabelecido com a direção das duas instituições que após o término da investigação e das respectivas análises e discussões, será apresentado a elas o relatório conclusivo da pesquisa.

1.1 Caracterização do Campo de Estudo

A Instituição A caracteriza-se por possuir atendimento em estimulação precoce para crianças de zero a seis anos de idade, através de um convênio intitulado Programa Pacto pela Vida (continuação do programa Mãe Curitibana) junto à Prefeitura do Município de Curitiba. As crianças que chegam à esta instituição são, geralmente, recém-natos de alto ou de médio risco, cuja deficiência nem sempre está instalada. Elas passam por uma avaliação criteriosa por meio de uma equipe multidisciplinar (neuropediatra, psicólogo, assistente social, fisioterapeuta, pedagogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional), sendo que o período mínimo de permanência desses bebês no atendimento de estimulação é de seis meses.

A Instituição B, de cunho filantrópico, caracteriza-se por atender sujeitos de zero a quinze anos em grupos de estimulação precoce (de zero a três anos) e atividades escolares (de quatro a quinze anos), possuindo professores cedidos pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná. O atendimento de estimulação precoce divide-se em duas modalidades: grupo de mães-bebês e o rodízio. Do primeiro fazem parte os bebês de zero a aproximadamente um ano que não possuem grande comprometimento em seu desenvolvimento. Nesse grupo, as mães e demais membros da família têm a possibilidade de manipular os bebês e aprender orientações para lidar com eles em seu cotidiano. No grupo do rodízio ocorre o atendimento dos bebês por profissionais especializados tais como fonoaudiólogo, fisioterapeuta e uma professora especializada. Nesse último grupo a mãe não participa ativamente das atividades. E, normalmente, fazem parte dele as crianças maiores de um ano e as de menor idade, mas com grandes comprometimentos em seu desenvolvimento.

2 Sujeitos da Pesquisa

A presente pesquisa é composta pelos treze relatos, todos de mães de bebês de idade entre zero e um ano.

Com o consentimento da direção das instituições, as mães foram convidadas a participar da pesquisa, sendo-lhes explicados os objetivos do estudo e demais procedimentos, incluindo os aspectos éticos, como a garantia do sigilo de suas identidades e a utilização dos dados somente para fins acadêmicos e de pesquisa.

2.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Na instituição A, as mães caracterizam-se por serem de famílias de baixa renda, consideradas pela própria instituição como carentes (cerca de 90%) e com escolaridade baixa (apenas cerca de 2% delas possui nível universitário). A instituição B possui como

característica uma grande maioria de mães que possuem apenas o nível fundamental de ensino e nível econômico médio a médio - baixo.

3 Procedimentos de Coleta de Dados

Como procedimento utilizado na coleta de dados elegeu-se a entrevista semi - estruturada que permite ao entrevistado responder as indagações com maior liberdade, seguindo um roteiro previamente estabelecido, com perguntas abertas e que podem ser formuladas em uma seqüência não rígida .

As entrevistas tiveram uma duração média de trinta minutos. Foram gravadas em fitas cassetes, com o consentimento prévio das entrevistadas e ao término de sua aplicação, transcritas em sua íntegra para posterior análise.

4 Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio de uma abordagem qualitativa, com a utilização da análise de conteúdo proposta por BARDIN (1979), e adaptada por BOLSANELLO (1998).

RESULTADOS

1. Visualização do desenvolvimento do bebê

1.1 Como é o relacionamento com o seu filho?

Obteve-se como respostas nas entrevistas realizadas uma gama de afirmações que indicavam um relacionamento que poderia ser classificado como: ótimo, prazeroso, muito bom e especial.

Desta forma, a totalidade das mães afirmou possuir um relacionamento positivo com os filhos.

1.2 Como você vê o desenvolvimento do seu filho?

Algumas mães (76,92%) relataram que visualizam o desenvolvimento do filho como bom e o restante (23,08%) o consideram lento e difícil.

1.3 Como você enxerga o seu filho no futuro?

Nessa pergunta houve uma ocorrência de 15,39% que consideram que o bebê futuramente será como uma criança normal. Outras mães (38,46%) alegam que enxergam o filho como uma criança especial e outros 46,15% afirmam que não sabem como ele será no futuro .

2 Participação no atendimento de estimulação

2.1 Quando trouxe seu filho pela primeira vez na estimulação, você entrou com ele?

A maioria das mães (76,92%) responderam que entraram no primeiro atendimento e o fizeram a pedido dos profissionais das instituições, entendendo essa primeira participação como uma conversa sobre o desenrolar das atividades que seriam feitas com os seus bebês. Um número menor de mães (23,08%) afirmou não ter entrado neste primeiro atendimento, não alegando o motivo da negativa.

2.2 E, agora, quando você traz seu filho na estimulação você entra com ele?

A maioria das mães (76,92%) respondeu que não entrou nos demais atendimentos e cerca de 23,08% afirmou que entra apenas às vezes.

2.3 Se você entra, o que você faz lá dentro?

De acordo com as respostas as mães que entram apenas eventualmente (23,08%) afirmam que nestas ocasiões observam as atividades e recebem orientações a respeito do que deve ser realizado em casa.

2.4 Se não entra, qual o motivo?

Ao responderem sobre o motivo pelo qual as mães não participam efetivamente do atendimento, 7,69% relatou que não entra porque não deixam, outros 7,69% porque não acha necessário e 84,62% não sabe o motivo.

2.5 Você gostaria de entrar ?

Uma grande maioria (92,31%) de respostas indica que as mães gostariam de participar do atendimento, tendo-se apenas 7,69% como resposta negativa.

2.6 O que você fica pensando, enquanto espera?

Das mães que esperam os seus bebês do lado de fora do atendimento, 7,69% afirma pensar sobre o atendimento em si, como está sendo realizado, sua eficácia, etc. Outros 38,46% afirmam pensar sobre o futuro do filho. E, 53,85% pensa sobre os sentimentos atuais do filho, sua felicidade e bem-estar.

3 **Interpretação das orientações dadas pelos profissionais**

3.1 Essas pessoas costumam lhe dar orientações? Que tipo de orientações?

Das mães entrevistadas, 100% afirmou receber orientações, que lhe são apresentadas como atividades para serem realizadas em casa.

3.2 Você entende bem essas orientações?

92,31% das mães afirmou que entende bem as orientações passadas, com uma incidência de apenas 7,69% para a resposta de que entendem parcialmente as informações recebidas.

3.3 Consegue cumprir essas orientações em casa?

Muito embora a maioria das mães afirme que entende bem as orientações recebidas, pouco mais da metade delas (53,85%) relata que consegue cumpri-las apenas de modo parcial. Sendo de 46,15% a ocorrência das que conseguem cumprir completamente as orientações recebidas.

DISCUSSÃO

Para MACEDO e MARTINS (2004, p. 146), “*a família é considerada como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo*”. Logo, o equilíbrio nas relações no núcleo familiar é importante para o bebê, já que esse será o seu primeiro contato com o mundo. Com o nascimento de um filho com deficiência a mãe passa por um estado de readaptação, de aceitação desse ser, que para ela ainda é um desconhecido. No entanto, ela possui instrumentos naturais para aceitá-lo e atender à suas necessidades primeiras., podendo transcender a fase do luto do filho idealizado pelo amor ao filho real. Nesse sentido pode-se estabelecer entre ambos - mãe e filho, um relacionamento de afeto mútuo.

O estudo indica que essa afetividade mútua é real, pois as mães, ao serem indagadas sobre o seu relacionamento com o filho demonstraram bastante positividade, afirmando com maior incidência que há um bom relacionamento entre eles:

“É muito bom, eu acho. Tento ajudar ela a ficar melhor.” (Mãe 12).

Também mostraram-se bastante interessadas no desenvolvimento do filho, conforme indicado nos relatos:

“Eu tento fazer de tudo por ele. Eu acho que é bom o nosso relacionamento.” (Mãe 13).

“Muito bom, aprendi a ver nele um menino lindo.” (Mãe 16)

RAPPAPORT et al. (1981) lembra que a criança que é privada de estímulos de natureza afetiva, intelectual ou social desencadeia reações de desorganização nas áreas citadas, de tal modo que essa desestruturação permanecerá durante a sua vida. Logo, o interesse da mãe pelo filho é importante para que ela (mãe) consiga compreender e atender às necessidades do bebê com prontidão e, ele tenha seus anseios correspondidos.

Essa visão torna-se importante para o fortalecimento do vínculo entre ambos, pois a mãe permanece acreditando no filho e nas possibilidades dele estar correspondendo ao seu amor e cuidado, tornando-se clara a idéia de que os dois são agentes ativos nessa díade (FERRARIS, 2005).

Quanto ao desenvolvimento do filho, as mães indicaram visualizar como bom na maioria das respostas. E, mesmo quando afirmaram que o desenvolvimento estava sendo difícil ou lento, ainda permaneceram positivas em relação à situação do filho, conforme as falas abaixo:

“Difícil, devagar, mas ele tá indo como pode.” (Mãe 16).

“Ela tá indo bem. É um pouco cedo, acho que ela tá bem.” (Mãe 17).

“Está lento por causa do probleminha dele, ele está indo bem.” (Mãe 20).

Sobre o futuro do filho, as entrevistadas apontaram em maioria que não sabem como ele será. Algumas poucas indicaram que serão como crianças normais e outras ainda, como uma criança diferente, com dificuldade ou especial, tal ilustrado pelos dados a seguir:

“Diferente, mas bem.” (Mãe 15).

“Como um rapaz lindo, especial.” (Mãe 20).

“Não sei. Isso me assusta (choro).” (Mãe 21).

Ao analisar a participação da mãe no atendimento é importante ressaltar que os principais aspectos do desenvolvimento psicomotor da criança pequena não ocorrem apenas de maneira mecânica, eles são vivenciados tanto por ela quanto pela família, já que esse conjunto compõem a base de sua noção de “eu corporal” (RAPPAPORT et al., 1981).

A maioria das mães participou do primeiro atendimento. E, também uma grande maioria afirmou não ter entrado nos atendimentos subsequentes. Aquelas que afirmaram entrar apenas às vezes, explicaram que entram para receber orientações sobre o que fazer em casa com o filho.

Quando inquiridas sobre o motivo que as impede de participar com frequência, quase todas afirmaram ignorar a razão. Com exceção de uma mãe, todo o restante indicou que se fosse possível gostaria de participar do atendimento do filho.

Enquanto esperam pelos filhos que estão em atendimento, pouco mais da metade delas afirmam pensar no bem-estar atual do filho, afirmando que imaginam que ele está bem e feliz. Outras detém o pensamento à respeito de como será o futuro do filho.

Os relatos demonstraram que a totalidade das mães recebem orientações dos profissionais que atendem os bebês, sendo sempre sobre quais atividades devem ser feitas em casa nos períodos em que as crianças não frequentam a instituição.

Quase a totalidade das mães informou que entende bem as orientações que lhes são explicadas. No entanto, pouco mais da metade delas afirma que só consegue cumprir as orientações às vezes:

“Normalmente sim. (Risos) Eu tenho medo às vezes, sabe, de machucar ela.” (Mãe 15).

“Sim. Às vezes é um pouco difícil, mas eu consigo, entendo bem as orientações delas.” (Mãe 20).

“Eu entendo. Tem vezes que parece difícil, mas eu tento, eu consigo...” (Mãe 23).

Sobre o tipo de orientações dadas alegam que é sobre como cuidar do filho:

“Ah! São coisas que fazer em casa. Tipo coisas, como segurar, como dar banho, como fazer exercício.” (Mãe 15).

“De como atender meu filho fora daqui, nas necessidades dele.” (Mãe 20).

“De como cuidar dela.” (Mãe 23).

Ressalta-se que a insegurança da mãe no trato com o filho pode gerar um apego confuso, no qual ela pode assumir uma postura ausente, indiferente ou deprimida, dessa forma, o equilíbrio entre ambos fica afetado. E o bebê, na tentativa de busca do carinho e amparo materno esgota suas energias, “seus limitados recursos”, ficando prejudicado o seu desenvolvimento (FERRARIS, 2005).

Logo, o envolvimento da mãe no desenvolvimento do filho proporciona aspectos de segurança e apoio indiscutíveis, bases para um futuro saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que muito embora estas mães participem de alguma etapa dos programas de estimulação, ainda assim, essa participação é insuficiente para que se possa considerá-la como um modo de promoção e valorização da relação mãe – filho. O que decorre disso é um número de mães que mostram –se inseguras no trato diário com suas crianças. Além de que a estimulação ainda parece, através do relato delas, como processo um tanto fragmentado. Em contraponto, ressalta-se que estas mães gostariam de participar mais do atendimento em estimulação.

Considera-se, portanto, que a não participação ativa e freqüente da mãe no atendimento de estimulação precoce pode ser um ponto importantíssimo no que se refere à sua aceitação ou não da condição de comprometimento do filho, à sua insegurança em atendê-lo em suas necessidades cotidianas básicas (banho, brincar, dar de mamar, pegar o colo, entre outros) e, mesmo, em sua própria identidade de mãe.

Sugere-se, dada a realidade encontrada, que sejam envidados esforços por parte da classe acadêmica para que se realizem cursos, pesquisas, palestras, espaços, enfim, nos quais a discussão sobre a temática do presente trabalho seja evidenciada, proporcionando a formação de uma nova realidade para a população estudada.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1979.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.
- BOLSANELLO, M. A. **Interação mãe-filho portador de deficiência: concepções e modo de atuação dos profissionais em estimulação precoce**. São Paulo, 1998. 146 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- BOLSANELLO, Maria Augusta. e SOUZA, Nelly. N. **Concepções de Mães sobre sua Participação no Atendimento de Estimulação Precoce**, na Educação Especial, pesquisa referente ao Programa de Iniciação Científica da UFPR – 2003/ 2004.
- D'ANDRÉA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico**. São Paulo: Difel, 1975.
- FERRARIS, Anna Oliverio. **A evolução do apego primordial**. Revista Viver Mente & Cérebro, São Paulo: Editora Ediouro, Julho, 2005, p. 44 – 51.
- MACEDO, B. C.; MARTINS, L. A. R. **Visão de mães sobre o processo educativo dos filhos com Síndrome de Down**. Revista Educar, Editora UFPR, 2004, n. 23, p. 143-159.
- RAPPAPORT, C. R. et al. **A infância inicial: o bebê e sua mãe**. São Paulo: EPU, 1981
- SAMPIERI, R. H. et al. **Metodología de la Investigación**. México: McGrawHill, 1998.
- SCOCHI, C. G. S. et. al. . Incentivando o vínculo mãe – filho em situação de prematuridade: as intervenções de enfermagem no Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, jul/ago., 2003, vol. 11, nº 4, p. 539 – 543.
- WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.